

## COMPREENDER O ATO DE LER E PRATICAR A LEITURA NA VIDA E NA ESCOLA

Rosa Amélia Pereira da Silva  
Grupo Literatura, Ensino e Recepção – LER – UnB

Palavras-chaves: Leitura – Literatura – Escola – Professor – Prática Social e Cidadania.

### **Leitura:**

“1. ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; arte de ler. 2. ação de tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito, para se distrair ou se informar. 3. maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento 4. ato de decifrar qualquer notação; o resultado desse ato” (*In*: Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. 1.0.7).

Basta o sentido dicionarizado para se entender o significado da palavra leitura? Para se compreender, de fato, o fenômeno leitura, como ela ocorre, quais as conseqüências de ser leitor, é necessário percorrer algumas áreas do conhecimento. Consideraremos as teorias da Psicologia, da Cognição e da Estética da Recepção explorada na literatura para discorrer a respeito do assunto.

### **Leitura: Uma perspectiva psicológica**

De acordo com a perspectiva psicológica, Silva afirma que o ato de ler ocorre, de fato, quando acontece a abertura da consciência para aquilo que se deseja ler, não necessariamente texto verbal, escrito. A seguir, acontecem a constatação do sentido e o cotejamento com outras leituras, com o intuito de transformar e atribuir significados. Toda leitura é única, em decorrência da atribuição de significado que ocorre de acordo com o horizonte de experiência e expectativa de cada um e, no momento em que acontece o posicionamento do ser perante o mundo, existe um leitor efetivo, capaz de pensar a realidade e recriá-la a partir do lido.

Então, conclui-se que se é leitor desde o nascimento. Ainda criança, apesar de não ser alfabetizado, existe a possibilidade de um leitor sagaz, que busca compreender situações e atuar para modificá-las, ou até mesmo criá-las, operando junto com o outro, numa construção dialógica de significados. Há nessa análise de Silva uma referência a Paulo Freire que diz: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

## **Leitura: Uma perspectiva cognitiva**

De acordo com a perspectiva cognitiva, a leitura é um processamento de informações. Essa visão revela um caráter, fundamentalmente, mecânico do ato de ler. Faz-se essa descrição porque é importante compreender a leitura como atividade mental, ou seja, intelectual. Essa perspectiva teórica também considera o processo de leitura por etapas. Observa-se que, para ler o mundo e as palavras, o leitor o faz a partir de seus órgãos sensoriais: audição, paladar, olfato, tato e, sobretudo, visão. Etapa determinada como momento da percepção da palavra, do objeto, dos fatos lidos. O ato de ler, neste momento, ainda não é completo.

Segue-se a segunda etapa que compreende o processo de levar as informações apreendidas para a memória intermediária, onde elas serão organizadas em unidades significativas. Durante o ato de leitura, automaticamente a memória de trabalho aciona os conhecimentos que já estão sedimentados em grupos maiores e envia para junto destes as informações lidas, que têm relação com a experiência e com a necessidade do leitor, ou seja, são significativas. O conhecimento adquirido segue para a memória profunda ou memória semântica. E a intermediária fica pronta novamente para receber outras informações, num processo contínuo. A esse processo de seleção do conhecimento para registro na memória profunda, Kleiman chama fatiamento. Outra forma de esvaziar a memória intermediária é o descarte das informações que o leitor julga desnecessárias; o leitor reage dessa maneira em relação às informações que julga insignificantes. Compreende-se como a terceira etapa a recepção do conhecimento pela memória profunda, momento em que há a compreensão real e a re-elaboração do objeto, texto lido por parte do sujeito.

Percebe-se que a memória intermediária é a que trabalha ininterruptamente em um processo de esvaziamento e escolha para armazenamento de informações lidas. Logo, se o sujeito, no momento de leitura, não consegue agir de forma seletiva para armazenar informações, significa que ele descartará todas as informações lidas ou que as novas informações não fazem sentido para ele e por isso mesmo ele não conseguirá estabelecer um nexos com as unidades significativas maiores já sedimentadas. Percebe-se que a leitura é “atividade cognitiva por excelência pelo fato de envolver todos os processos mentais” (KLEIMAN e MORAES, 2003: p. 126).

Compreender o mundo ou textos é questão relativa e depende das concepções do leitor e dos estímulos aos quais ele estará sujeito. Não se pode afirmar que o sujeito inábil para compreender um texto científico não seja capaz de compreender um texto literário, que o sujeito inábil para compreender um texto literário, não seja capaz de compreender uma anedota, ou um texto informativo. Tudo é uma questão de experiência e expectativa. A leitura se efetiva quando aquilo que se lê significa para o sujeito leitor.

## **Leitura: Uma perspectiva literária**

Para a Estética da Recepção, o sujeito deve ser munido inicialmente de textos que atendam ao seu horizonte de expectativas. A ele deve ser dado o direito de ler aquilo que lhe faça sentido, mesmo que sejam textos simples. Na seqüência, devem-se incluir textos que quebrem os paradigmas desse leitor, para que ela possa desconstruir os conceitos sedimentados e dessa forma romper com o horizonte de expectativa. A partir desse contexto, o professor poderá oferecer textos que o ajudem a reconstruir seus horizontes agora de forma mais ampla. A leitura é um ato que, à primeira vista, parece individual. Contudo, observa-se o contrário; a leitura é um ato construído socialmente, que se desencadeia e se amplia no convívio com os outros e com o mundo. A leitura de mundo se faz de acordo com as experiências sociais do sujeito leitor. Mas, considerando que a leitura é subjetiva, ela não seria um ato individual? Sim, somos únicos na pluralidade. Como afirma Bakhtin: o eu do sujeito é nada sem o outro. Na relação dialógica e dialética, o eu-sujeito se constrói e se molda, é no encontro com o outro que o sujeito experimenta práticas sociais e essas experiências edificam o ser. O sujeito é a sua experiência social.

## **Uma história de leitura**

Em *Como um romance*, Daniel Pennac reconstrói a história universal de leitor e do fenômeno da leitura. Universal por ser comum a um número muito grande de leitores. Durante a infância, os pais, construtores da identidade de leitor de seus filhos, contribuem para despertar a imaginação infantil, e fazem com que eles – filhos – construam um mundo fantástico. Os pais que pertencem à primeira esfera social da criança são os outros que compõem o eu-leitor numa relação dialógica para a construção de sentidos. A família é a primeira responsável pela inclusão do ser na leitura de mundo e de textos.

Pennac ressalta, em sua obra, os dez direitos do leitor, os quais são: o direito de não ler; o direito de pular páginas; o direito de não terminar o livro; o direito de reler; o direito de ler qualquer coisa; o direito ao bovarismo; o direito de ler em qualquer lugar; o direito de ler uma frase aqui e outra ali; o direito de ler em voz alta; o direito de calar. Poderíamos acrescentar à lista de direitos de Pennac outros de direitos. Contudo, apenas um deseja-se destacar; o direito de nunca ler sozinho, o direito de que haja sempre um cúmplice para as excursões da imaginação, que a leitura seja sempre solidária. Ou, se alguém fizer o contrário, que essa atitude se dê por escolha ou porque o sujeito leitor já tenha encontrado, no texto, um novo cúmplice para suas interpretações.

O fato de o sujeito poder ler o que quiser contribui para a abertura dos horizontes de expectativa e faz com que o leitor se torne seletivo à medida que suas leituras progridam, tornando se, de fato, um leitor. Este momento, de acordo com a Estética da Recepção de Jauss, seria a etapa de atendimento de expectativas.

Pennac propõe ainda que não se exija nada do leitor, no momento da leitura, pois a cobrança apresenta uma conotação de troca, a qual pode fazer com que o leitor não estabeleça com o texto uma relação de cumplicidade, a mesma que existia entre o aprendiz com as suas leituras de mundo, e os outros partícipes, antes do período escolar.

### **Leitura: Uma perspectiva da escola**

A instituição de ensino é, em escala de importância, a segunda responsável pela abertura e ampliação dos caminhos do leitor em direção a leitura de textos, sobretudo os escritos; entretanto, para muitos ela fracassa. A história vivida pelo personagem criado por Pennac nos revela isso, o leitor que antes era perspicaz, imaginativo, vai aos poucos se tornando solitário e enxerga, no ato de ler textos escritos, uma prática triste e tediosa. É perceptível que isso ocorre em consequência da brusca mudança na maneira de ler. Antes o ato de ler, para a criança, é coletivo, compartilhado com a família, professores, colegas, prática que traz ao sujeito leitor deleite e encantamento. Ao ingressar na escola, ao ser alfabetizado e adquirir uma autonomia para a leitura, a sua prática se torna solitária, muitas vezes com objetivos específicos de avaliação. A leitura na escola deve ser conduzida pelo lúdico, pelo prazer da descoberta e, às vezes, pela emoção.

Quando se analisa a prática pedagógica, quer de docentes alfabetizadores, quer de docentes de disciplinas específicas (Língua e Literatura, História, Geografia, Química, Física, Matemática etc.), percebe-se que a escola tanto quanto a família não contribuem para a construção de leitores de mundo e de textos escritos, principalmente os literários. A postura de professores preocupados mais com a decodificação das palavras, com a função delas nas frases, destas nos textos, e menos com o processo prazeroso de leitura, ou seja, com o sentido construído pelo leitor a partir dos textos, faz com que o leitor se distancie cada vez mais do ato de ler, cujo objetivo principal deveria ser a interpretação que parte da experiência de vida de cada um.

A prática de leitura deve visualizar a pluralidade de leituras e ao bovarismo. Não se lê um texto da mesma forma, cada leitura é inédita, até mesmo uma releitura é ímpar. E os sentidos dependem da interpretação das palavras, “os textos estão abertos a interpretações múltiplas, dependendo do intérprete” (Magalhães e Leal, 2004 pa12). Cada leitor, no momento da leitura, acionará uma série de unidades significativas para a eficácia desta; seu horizonte de expectativas que tem relação com a sua formação familiar e escolar, enfim, sua formação social, seu nível de maturidade, sua relação com os meios de comunicação, com livros. O horizonte de experiência determinará a singularidade de cada leitura e por isso todas as leituras devem ser respeitadas mesmo que suas dimensões sejam diferentes para uns e outros. De acordo com a história de Pennac percebe-se que se lê a partir do momento em que se começa a construir significados. É-se escritor antes mesmo de

ser leitor, porque se inscreve, na mente, aquilo que procede do outro, e que constrói o sentido para depois se praticar a leitura de mundo, do outro, de si mesmo. Percebe-se que leitores efetivos chegam à escola, aprendem a lição de decifrar códigos, entender letras e palavras, classificá-las, de construir frases, mas desaprendem a arte de ler o mundo e textos. Estes são produtos de ações sociais e atendem a fins específicos.

Mas o que acontece com o estudante que consegue compreender um texto utilitário, sente-se motivado para fazer tal leitura e não consegue o mesmo com o texto literário? Ou o contrário, o que acontece com o leitor que se sente motivado para ler um texto literário e não é capaz de compreender as informações de um texto informativo, técnico ou científico? São leituras diferentes. São perspectivas diferentes e objetivos também distintos na construção do conhecimento. E toda leitura deve atender não somente aos interesses didáticos, como deve contemplar, sobretudo, o interesse do aluno. A leitura na escola, geralmente, é realizada para atingir fins específicos, como ler para adquirir conhecimentos, ler para buscar respostas para algum questionamento, para obter informações exatas, ler por prazer, para alimentar a imaginação. E não há como fugir desses objetivos específicos, a vida exige que se leia a todo momento.

A leitura é uma forma de investigação, reflexão, rupturas e construção de idéias. A prática social determina a maneira como o leitor se porta diante da perspectiva de leitura. Mas então o que fazer para que o sujeito seja eficiente em todos os tipos de leitura? É necessário que se desenvolvam simultaneamente habilidades para todos os tipos de leitura? Vamos devagar com o andar porque o santo é de barro! O professor é apenas um mediador na construção do conhecimento, as escolhas do sujeito é que determinarão o tipo de texto e conseqüentemente o leitor que será: subjetivo ou objetivo, imaginativo ou prático. Ser este ou aquele leitor é conseqüência de escolhas individuais a partir de uma prática social.

E o que professores têm feito para que os leitores de mundo passem a ler o mundo da palavra com a mesma eficiência? Por que sofremos tanto quando se fala em leitura? Será responsabilidade apenas do professor de Língua a prática de leitura? Acreditou-se nisso por muito tempo. Hoje, compreende-se que “todo professor é, em última instância, professor de leitura” (KLEIMAN e MORAES, 2003: p. 23). É importante reconhecer a leitura como prática constitutiva da aprendizagem em todas as áreas do conhecimento de forma não segmentada. Todos os professores são capazes de trabalhar leitura em sala de aula, aliás, todo professor antes de tudo é um leitor, assim deve ser capaz de trabalhar a leitura e buscar a solidariedade com os castigados professores de Língua Portuguesa, os quais, em grande parte das escolas, são massacrados como culpados pelos problemas relacionados à leitura ou a quaisquer inabilidades do sujeito leitor na escola. E “deixar a responsabilidade do ensino de leitura ao professor de Língua Portuguesa

equivale a negar o valor social da leitura.” (KLEIMAN E MORAES, 2003, p. 127), equivale negar que a construção do conhecimento é contínua e este não é fragmentado.

### **Leitura: Uma proposta de ensino aliada à prática social**

Numa perspectiva de trabalhar a leitura como processo de aprendizagem, toda instituição de ensino deve propor sua prática em sala de aula com temas transversais e de forma diversificada para atender aos objetivos específicos das disciplinas e atender aos interesses particulares e sociais de seus alunos. Quando se pensa em formar bons leitores e, conseqüentemente, bons escritores, o primeiro aspecto a ser analisado é o grande abismo que existe entre a prática escolar e a prática social da leitura (e, conseqüentemente, da produção escrita). Transpor esse abismo construindo uma nova forma de lidar com essas práticas, aproximando-as das práticas sociais é o desafio de qualquer instituição, pois essa atitude exige renovação, persistência e mudanças. Como o propósito é conciliar objetivos pedagógicos e institucionais com os objetivos dos alunos, devem-se estabelecer novas maneiras de administrar o tempo, novas formas de mediar a aprendizagem, assim como também é necessário redistribuir os papéis do professor e do aluno em relação à leitura, e por efeito, à escrita. Não basta também uma simples renovação para formar na escola uma comunidade de bons leitores. Fazem-se necessários a participação e o empenho de todo grupo docente da Instituição para que toda e qualquer leitura proposta responda tanto à finalidade didática – ensinar conteúdos – quanto ao propósito comunicativo - relevante na perspectiva do aluno. Participação que deve vir sempre acompanhada de reflexões teóricas que contribuam para o crescimento de todos – alunos e professores.

Alguns propósitos relacionados por Adélia Lerner que toda instituição de ensino também deve julgar pertinente enumerar e explorar enquanto procedimentos para aquisição do conhecimento ou do prazer: ler pelo prazer de ler, sem compromisso com uma atividade necessariamente pedagógica; ler para resolver um problema didático; ler para escrever e para reescrever; ler para buscar informações específicas que serão aplicadas na vida prática; ler para atender a propósitos pessoais; ler para compartilhar com o outro; ler para divertir; ler para reelaborar os romances, os contos, fatos ou idéias para além dos limites da realidade; ler para conhecer-se; ler para elaborar antecipações em relação à realidade.

Cada um desses propósitos requer uma modalidade de leitura diferente. Na perspectiva de orientar, seguramente, o aluno, a instituição de ensino, preocupada com as exigências escolares e com a complexidade didática das práticas que deve assumir, deve direcionar o trabalho de modo interdisciplinar e a partir de temas transversais, considerando que, dessa forma, as possibilidades de construção do conhecimento não fragmentado, amplo, sejam mais significativas para o aluno que atuará no mundo de forma crítica. Para atender às propostas dos Parâmetros

Curriculares Nacionais, toda escola deve trabalhar com o desenvolvimento de capacidades individuais, levando o sujeito a práticas coletivas que possam transformar a sua realidade. Vale lembrar que é importante, nesse contexto, trabalhar a leitura sem fins avaliativos, apenas como forma de apreciação, de sedução, para produzir um efeito estético, ou seja, pelo bovarismo, para conduzir a paixão pelo saber, pelo conhecimento nas diversas práticas pedagógicas. A leitura compromissada com o interesse individual pode gerar reflexões acerca de valores e também funcionar como uma reavaliação de ideologias. Para isso, a instituição de ensino deve propor leituras diversificadas e sempre mediadas pelo professor, tais como: leituras em sala de aula, leitura na biblioteca, leitura em voz alta, leituras dramáticas, leitura no círculo de amizade, leitura silenciosa, pretendendo assim contemplar todos os tipos de leitores e satisfazer a eles. Para cada propósito enumerado anteriormente, é necessário uma prática pedagógica diferente e adequada. Segundo Kleiman, a orientação didática na aula de leitura deve ser planejada a fim de ter os efeitos na percepção dos elementos lingüísticos significativos, com funções importantes no texto; na ativação de conhecimentos anteriores; na elaboração e verificação de hipóteses que permitam ao estudante perceber outros elementos mais complexos.

### **Considerações finais**

A aula de leitura, desenvolvida interdisciplinarmente – forma de abarcar várias áreas do conhecimento em uma mesma atividade – e transversalmente – forma de discutir valores nessa mesma atividade para a construção da cidadania –, deve ser planejada como um jogo de linguagem que abarca adivinhações e descoberta daquilo que o autor inscreveu no texto e a partir do qual o leitor chegará a seu sentido que é único, pois contempla não apenas aquilo que o texto revela, circunscreve, contempla o resultado das intersecções de leituras e significações que o leitor é capaz de realizar a partir de sua história de vida. E, por ter um lugar central na prática escolar, todo professor, sem exceção, não só pode como deve desenvolver a leitura em sua disciplina, qualquer que seja a disciplina ministrada.

## Bibliografia

- BAKHTIN, Michael Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1922.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Anna Blume, 2002.
- BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.
- COLOMER, Teresa e CAMPS, Anna. **Ensinar a ler e a compreender textos**. São Paulo: Global, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez 2000
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Art Med, 2002.
- KLEIMAN Ângela. **Oficina de leitura**. São paulo: Editora Pontes, 2004
- KLEIMAN Ângela e MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade. Tecendo redes nos projetos da escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003
- MARCUSCHI, Luís Antonio. **Gêneros textuais e produção escrita**. Curso de especialização em Letras: Modulo III. Brasília: UnB, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**, In: **Gêneros textuais & ensino**, Editora Lucerna, Rio de Janeiro: 2002. Páginas 19 a 35
- MAGALHAES, Izabel & LEAL, Maria Christina. **Discurso, gênero e educação**. 188 páginas. Brasília: Oficina Editorial Instituto de Letras UnB, 2004.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Editora Papirus, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O ato de ler. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 8ª edição, São Paulo: Cortez, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Unidades de leitura, trilogia pedagógica**. Campinas-SP: Autores associados, 2003.
- \_\_\_\_\_. **L eitura em curso, trilogia pedagógica**. Campinas: SP Autores associados, 2003.
- SILVA, Maurício. **Repensando a leitura na escola. Um outro mosaico**. 3ª ed. Niterói: EduFF, 2002.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª edição. Porto Alegre: Artmed, 1988.
- ROSENBLATT, Louise M. **Los procesos de lectura y escritura In: Texto en contexto**. Buenos Aires: AILyV, 1996